ABORDAGEM COMUNICATIVA NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Keyla Christina Almeida Portela¹

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar o ensino/aprendizagem de língua inglesa através da abordagem comunicativa, estratégias e a motivação em aprender uma língua estrangeira. O estudo fundamentou-se em aspectos teóricos sobre a abordagem comunicativa no qual se encontram contribuições de HYMES, CANALE e SWAIN e outros. Quanto à motivação têm-se GARDNER e LAMBERT, WILLIAMS e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Comunicativa; Motivação; Aquisição de Língua Estrangeira.

COMMUNICATIVE APPROACH IN THE FOREIGN LANGUAGE ACQUISITION

ABSTRACT: The present article objectives to present education/learning of English language through the communicative approach, strategies and the motivation in learning a foreign language. The study was based on theoretical aspects on the communicative approach in which find contributions of HYMES, CANALE and SWAIN and others. According to motivation as GARDNER and LAMBERT, WILLIAMS and others.

KEY-WORDS: Communicative Approach; Motivation; Foreign Language Acquisition.

¹ Secretária Executiva Bilíngüe, Mestre em Ciências da Educação e professora de língua inglesa da UNIMEO-CTESOP – Assis Chateaubriand – Pr. keylaportela@bol.com.br

1 INTRODUÇÃO

A abordagem comunicativa defende a aprendizagem centrada no aluno não só em termos o conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula, o professor deixa de exercer seu papel de orientador devendo subordinar seu comportamento às necessidades de aprendizagem dos alunos, mostrando sensibilidade aos seus interesses, conduzindo-os a participação e aceitando sugestões. O aluno torna-se responsável pela sua própria aprendizagem e técnicas de trabalhos em grupo são muito encorajadoras para que haja uma maior troca de conhecimentos entre os alunos sem a participação direta do professor.

O foco deste artigo, portanto, centra-se na abordagem comunicativa na aprendizagem da língua inglesa e a motivação dos alunos em aprender uma língua estrangeira, em especial aqui a língua inglesa.

Para Gardner (1985), as motivações apresentadas por aprendizes que estudam uma língua estrangeira variam de acordo com os seus interesses e necessidades particulares.

Segundo Williams e Burden (1997) o aprendizado de línguas é diferente de qualquer outro aprendizado devido a sua natureza social e comunicativa. Aprender uma língua envolve comunicação com outras pessoas e isso requer não somente as habilidades sociais e comunicativas, ou seja, o indivíduo organiza seu mundo de uma maneira única.

Constatados anseios, desejos e necessidades de alunos de LE dentro deste contexto do presente estudo, surgiu a seguinte pergunta: Como a utilização da abordagem comunicativa deixa os alunos mais motivados em aprender uma LE?

1.1 ABORDAGEM COMUNICATIVA

Nas décadas de 60 e 70 surgiram as novas tendências que favoreceram e focalizaram o aprendiz/aluno em uma interação social. Segundo Widdowson (1990) na década de 90, as aulas de línguas estrangeiras passaram a ser focadas na habilidade de comunicação e interação da língua na quais os professores deveriam buscar distintos métodos nos quais os alunos estivessem mais expostos ao *input*, isto é, à linguagem a qual os alunos estão expostos.

Os métodos comunicativos têm em comum como característica – o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira. O ensino comunicativo organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua/alvo para realizar ações de autênticas na interação com outros falantes-usuários.

Nunan (apud BROWN (1994) lista cinco características da abordagem comunicativa:

- uma ênfase no aprender a comunicar-se através da interação com a língua-alvo;
- a introdução de textos autênticos na situação da aprendizagem;
- a provisão de oportunidades para os alunos, não somente na linguagem, mas também no processo de sua aprendizagem;
- uma intensificação das próprias experiências pessoais do aluno como elementos importantes na contribuição para aprendizagem em sala de aula;
- uma tentativa de ligar a aprendizagem da linguagem em sala de aula com ativação da linguagem fora da sala de aula.

Além disso, o método comunicativo também possui alguns procedimentos metodológicos que auxiliam na aprendizagem do aluno, ou seja, desempenha uma seqüência de atos como os de cumprimentar, socializar casualmente, experiências com auxílio de um objeto ou representação gráfica. Ele também certamente pode incluir traços da oralidade e carga informativa mas nem esgota nem de longe o seu potencial, pois seu objetivo é criar condições favoráveis para a aquisição de um desempenho real numa nova língua. Com tudo, o aspecto afetivo é visto como uma variável importante no qual o professor deve se mostrar sensibilizado aos interesses dos alunos, encorajando a participação e aceitando sugestões. Krashen (1981) diz que há três variáveis que influenciam na aquisição de linguagem: a auto-estima, motivação e o nível de ansiedade. O aluno que está com auto-estima ele se sente mais capaz de aprender, a motivação deixa o aluno mais concentrado nas explicações e a ansiedade tende a focalizar mais na forma do que na comunicação.

Ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso significa menor ênfase no ensinar e mais força para aquilo que abre ao aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença para o seu futuro como pessoa (ALMEIDA FILHO, 1998, pg. 42).

1.2 O CONCEITO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Para entender a questão de uso comunicativo de uma língua, é necessária a compreensão das questões que envolvem a competência comunicativa do aprendiz de LE. Canale e Swain (1980), diz que a competência comunicativa é entendida como sistemas subjacentes de conhecimento e habilidades requeridas para comunicação (por exemplo, conhecimentos de vocabulário e habilidade de usar as convenções sociolingüísticas da língua). Os autores também definem a competência comunicativa como composta de quatro competências interligadas, cujo desenvolvimento paralelo tornará o aprendiz de LE proficiente na língua-alvo. A competência gramatical, sociolingüística, discursiva e estratégica.

A competência gramatical está relacionada com o domínio do código lingüístico (verbal ou não-verbal). Aqui se incluem as características e regras da linguagem como o vocabulário, a formação de palavras e frase, a pronúncia, a ortografia e a semântica. Esta competência está direcionada no conhecimento e de aprender e expressar adequadamente o sentido literal das expressões, isto é, o conhecimento da estrutura gramatical correta da língua;

A competência sociolingüística está ligada a regras socioculturais de uso e regras de discurso e ela também ocupa de que medida as expressões são produzidas e entendidas adequadamente em diferentes contextos sociolingüísticos dependendo de fatores contextuais como a situação dos participantes, os propósitos da interação, as normas e convenções da interação, - o conhecimento do que é socialmente aceitável na língua.

A competência discursiva está relacionada com o modo que se combina as formas gramaticais e os significados para conseguir um texto falado ou escritos em diferentes gêneros.²

² CANALE e SWAIN (1980) diz que gênero é uma narrativa oral ou escrita, um ensaio argumentativo, um artigo científico, uma carta comercial e um conjunto de instruções que representam diferentes gêneros.

A competência estratégica se compõe do domínio das estratégias de comunicação verbal e não-verbal que podem ser utilizadas por razões, tais como: (a) compensar as falhas na comunicação devido a condições limitadas na comunicação real³ (por exemplo, a incapacidade momentânea para lembrar uma idéia ou forma gramatical) – o conhecimento de como usar as estratégias de ou a insuficiente competência em uma ou mais de outras áreas da competência comunicativa; (b) favorecer a afetividade da comunicação (por exemplo, falar de uma forma lenta ou deliberadamente baixo com uma intenção retórica). Por exemplo, quando alguém não se recorda de uma forma gramatical concreta, uma estratégia compensatória que se pode utilizar é a paráfrase.

Segundo Krashen (1989), o professor é o primeiro gerador de *input*. O professor deve criar um ambiente interessante e amigável no qual o aluno se sinta seguro para que ocorra a aquisição da língua. O professor deve orquestrar um número rico de atividades e materiais, os quais devem estar ligados com as necessidades dos alunos visando ao interesse do aluno pelo idioma”. Krashen *ibid*) ainda argumenta que o clima em sala de aula entre professor e aluno pode realçar ou inibir a aquisição do idioma e que a sala de aula deve fazer com que o aluno se sinta respeitado e valorizado.

Hoje, o processo do ensino deve primar pela busca do eficiente, do significado, do criativo. Essas são algumas das exigências com as quais a maioria dos professores se defronta e que partem do aluno, que se prepara para atuar numa sociedade que vive sob o signo da competitividade, onde a excelência é o objetivo almejado.

Portanto, os professores de língua estrangeira, também são responsáveis neste processo que prepara o aluno para interagir com competência, segurança e criatividade num sistema de globalização, num mundo “plugado” pela internet, onde linguagem, hoje, mais que a cultura é o recurso mais importante para a inserção do indivíduo como cidadão do mundo.

Para Hymes (1972), falante precisar ser comunicavelmente dentro da sala de aula. Segundo ele, uma pessoa que adquire a competência comunicativa, adquire tanto o conhecimento quanto a habilidade de usar a língua.

³ CANALE (1983) comunicação humana é uma forma de interação social, que é adquirida e usada através dessa interação e se caracteriza pelo um alto grau de imprevisibilidade e criatividade em forma e conteúdo, uma negociação de significados através de uso de símbolos verbais e não verbais (de modos orais, escritos ou visuais).

Hymes (1972) introduz um dos pontos mais importantes com relação aos métodos comunicativos, pois durante muito tempo o conceito de saber uma língua estrangeira era saber a sua gramática, ou seja, os antigos livros didáticos adotavam este conceito e acreditava-se que se um indivíduo soubesse as regras gramaticais, saberia LE.

Para essa metodologia o que mais importa é que a comunicação pressupõe uma necessidade ou motivação que estimule alguém a se comunicar. Então quando há algo a ser comunicado, deve-se saber como comunicar o que se quer dizer aos outros, ou seja, saber quais os meios (gestos, tons de voz, contextualização, etc.) que se utilizará para que o ouvinte compreenda a intenção, a mensagem a ser comunicada pelo interlocutor.

Littlewood (1984) desenvolveu uma teoria que afirma que a aquisição da competência comunicativa é um exemplo do desenvolvimento das habilidades. Segundo ele, este desenvolvimento envolve tanto o aspecto cognitivo quanto o aspecto comportamental. O aspecto cognitivo refere-se a internalização de sistemas para a criação de um comportamento, ou seja, a internalização de regras gramaticais, procedimentos para a seleção do vocabulário e o estudo das convenções sociais envolvidas com a fala. Já o aspecto comportamental é a automatização desses sistemas, para que eles possam ser introduzidos dentro da comunicação fluente, ou seja, se converta sistemas em desempenho, teoria em prática.

Esta teoria encorajou e enfatizou a prática como o caminho do desenvolvimento das habilidades comunicativas.

Assim, existem várias maneiras de se comunicar sem necessariamente se usar a língua, como por exemplo, através de gestos e expressões faciais. As maneiras mais comuns de se comunicar conforme Littlewood (1984) são:

- 1) Participar de uma conversa na LE, onde há necessidade de se falar e entender o que é dito.
- 2) Ouvir música, uma conferência, ou assistir a um filme. Neste caso, não precisamos necessariamente falar a língua nem ser capazes de ler e escrever a mesma.

- 3) Ler textos numa LE. Para fazer isso, não devemos necessariamente capazes de escrever, falar ou ouvi-la.
- 4) Escrever textos na LE. Uma vez mais, ser capaz de escrever numa LE não implica necessariamente na capacidade de falar e ouvir uma LE, embora naturalmente se pressuponha a leitura de uma LE na sua forma escrita.

Sob este ponto de vista pode-se observar que o conceito de necessidade é de extrema importância e que na realidade a partir das outras habilidades diferentes, que podem ser subdivididas dependendo da necessidade do aluno e as condições que o envolvem no uso desta habilidade.

Para Canale e Swain (1980), a competência comunicativa deve englobar todas essas dimensões, pois para eles todo o aluno deve ter o domínio de todas essas dimensões no momento de desenvolver sua produção, para que assim ele estabeleça uma efetiva comunicação.

É importante reafirmar que inicialmente os métodos comunicativos foram vistos como uma abordagem, uma filosofia de ensino, porém, a partir da definição dos objetivos da abordagem comunicativa, diversas lingüísticas começaram a desenvolver diferentes programas de ensino, com a filosofia comunicativa, mas com técnicas diferenciadas. Dessa maneira, pode-se dizer que se desenvolveram diversos métodos comunicativos. Já o *Marco Común Europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación* (Conselho as Europa, 2001)⁴, fundamenta a competência comunicativa numa série de outras competências. Estas são:

- a) A competência lingüística é o domínio dos conhecimentos sobre a língua, sobre as regras de seu funcionamento na fala para entender o que diz o outro e para expressar seus próprios pensamentos oralmente ou por escrito.
- b) A competência sociolingüística permite escolher a forma lingüística adequada de acordo com as condições do ato de fala: a situação e os objetivos e intenções do falante.

⁴ *Marco Común Europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación* (Conselho da Europa, 2001) é o resultado de mais de dez anos de pesquisa realizada por especialistas em lingüística aplicada e pedagogia, procedentes dos quarenta e um estados membros do Conselho da Europa. A comunidade Européia promove uma firme política de pesquisa para melhorar e consolidar o ensino/ aprendizagem das línguas faladas no continente, buscando a reflexão dos objetivos e a metodologia do ensino/ aprendizagem d línguas, assim como, facilitar a comunicação.

- c) O componente sócio-cultural (ou pragmático) prevê o conhecimento das particularidades do comportamento social e verbal dos falantes nativos da língua que se estuda e seu uso adequado na comunicação.
- d) O componente discursivo permite construir e interpretar textos.
- e) A competência estratégica (compensatória) ajuda o falante a preencher lacunas nas outras competências.

Além disso, o *Marco* também apresenta as competências gerais dos alunos ou dos usuários de línguas, que mostram seus conhecimentos, competência existencial, além de sua capacidade de aprender. Os conhecimentos, ou seja, os conhecimentos declarativos, se entendem como àqueles conhecimentos derivados da experiência (empírico) e de uma aprendizagem mais formal (acadêmicos). Toda comunicação humana depende de um conhecimento de mundo, no que se refere ao uso e a aprendizagem de línguas e de uma cultura. O conhecimento acadêmico no campo educativo é do tipo científico ou técnico e o conhecimento empírico está relacionado a vida diária (organização da jornada, comida, comunicação e informação.) Todas estas áreas variam de um indivíduo para outro, fazendo que a aprendizagem de uma segunda língua também varia de uma pessoa para outra. Os conhecimentos já adquiridos de um indivíduo estão diretamente relacionados com a aprendizagem de línguas. Em muitos casos, os métodos de ensino/ aprendizagem exigem uma experiência de mundo. Além disso, em determinados contextos (por exemplo; na imersão, a universidade onde a língua de instrução não seja a língua materna) se dá um enriquecimento simultâneo e correlacionado de conhecimentos lingüísticos e de outros conhecimentos e tudo isto está relacionado.

1.3 ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

Brown (2000) conceitua “estratégias” como sendo métodos específicos de abordar um problema ou tarefa, modos de operação para alcançar um fim particular, modelos planejados para controlar e manipular certas informações. Podem variar de momento a momento, também variam intra-individualmente, uma vez que cada um possui formas diferentes para resolver um problema.

Para Ellis (1994), a estratégia consiste em uma atividade mental e comportamental relacionada a alguns estágios específicos no processo de aquisição da língua e o seu uso.

As estratégias de aprendizagem, propriamente ditas, estão relacionadas ao *input* no processo, estocagem e recuperação da mensagem. E elas se dividem em três categorias:

- a) estratégias metacognitiva;
- b) estratégias cognitivas;
- c) estratégias socioafetivas.

O termo metacognitivo é usado na teoria de processamento de informação para indicar uma função executiva: estratégias que envolvam o planejamento para aprender, pensar sobre o processo de aprendizagem enquanto ele está acontecendo monitorar a própria produção e compreensão e avaliar a aprendizagem depois de completar uma atividade.

Estratégias cognitivas são mais limitado ás tarefas específicas de aprendizagem e envolvem manipulação mais direta com o material aprendido.

E a estratégias socioafetivas estão ligadas á atividade social e de interação com os outros.

CLASSIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS	ESTRATÉGIAS REPRESENTATIVAS
Estratégias Metacognitivas	Atenção seletiva, planejamento, monitoramento, avaliação.
Estratégias Cognitivas	Ensaio, organização, inferência, resumo, dedução, imagem. elaboração
Estratégias Sociais/ afetivas	Cooperação, perguntas para esclarecer, conversar consigo mesmo.

Brown (2000) ainda comenta que além das estratégias de aprendizagem existe outra estratégia chamada estratégia de comunicação.

As estratégias de comunicação estão relacionadas ao *output*. Rubin (1981) sugere que tais estratégias são utilizadas pelo aprendiz para promover a comunicação com outros; por exemplo, quando enfrentam dificuldades na

comunicação por falta de conhecimento da língua, encontram formas de continuar a comunicação e não param esse processo. O falante é exposto mais a língua e conseqüentemente aumenta a oportunidade de praticá-la. Brown (2000) afirma que as estratégias de aprendizagem também estão relacionadas á memória, armazenamento e recordação, enquanto que as estratégias de comunicação pertencem ao emprego de mecanismos verbais e não-verbais para a comunicação produtiva da informação.

2 O QUE FAZ COM QUE UMA PESSOA QUEIRA APRENDER? MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

A motivação é, provavelmente, um dos conceitos mais utilizados quando se quer explicar o sucesso ou o fracasso de muitas atividades humanas, neste caso, o aprendizado de uma língua. Se algum aluno está altamente motivado, as ajudas que ele possa vir a receber do contexto educacional – professor, livros, meios auxiliares, etc – tornam-se secundárias. A motivação exerce um papel decisivo na aquisição de conhecimentos.

Gardner (1985), argumenta que os idiomas são distintos de qualquer outra matéria que ensina em sala de aula, no sentido de que implicam na aquisição de destrezas e pautas de condutas, que são características de outra comunidade.

Como conseqüência, o êxito na hora de aprender uma língua estrangeira será influenciado, especialmente, pelas atitudes que se tem ante a comunidade de falantes desta língua. Todo campo da linguagem está profundamente implicado na comunicação entre as pessoas, nas relações sociais entre os indivíduos e grupos de pessoas e nas normas sociais de conduta. Fica claro que aprendizagem de idiomas se verá também afetada pela globalidade composta pela situação social, o contexto e a cultura na qual tem lugar a aprendizagem.

Para William e Burden (1999), a aprendizagem de um idioma implica em muito mais do que na simples aprendizagem de destrezas ou de um sistema de normas ou de uma gramática; implica numa alteração da auto-imagem, na adoção de novas condutas sociais e culturais e de novas formas de ser, o que produz um impacto importante na natureza social do aluno.

Crookall e Oxford (apud WILLIAM e BURDEN 1999), afirmam que aprender uma segunda língua é no fundo aprender a ser uma pessoa social distinta.

Gardner e Lambert (1972) apresentam dois tipos de motivação; a motivação integrativa e a motivação instrumental.

A motivação integrativa caracteriza-se pelas atitudes positivas em relação ao grupo de falantes da língua-meta, pelo desejo ou vontade de integração nesse grupo ou, no mínimo, pelo interesse em conhecer membros do referido grupo e conversar com eles.

Já a motivação instrumental caracteriza-se por um desejo de obter, graças ao conhecimento de uma língua estrangeira, um reconhecimento social ou vantagens econômicas. A perspectiva, neste caso, está mais orientada em direção ao próprio indivíduo, no sentido de que uma pessoa dispõe-se a aprender um novo código para obter proveito do tipo não pessoal.

Para Gardner e Lambert (1972), um aluno com uma orientação instrumental com respeito a aprendizagem de uma língua pode estar tão motivado quanto ao aluno com uma orientação integrativa. Contudo, os autores acreditam que os alunos com uma orientação integrativa com relação a aprendizagem de uma dada língua alcançarão um melhor domínio lingüístico do idioma em questão.

A motivação integrativa foi considerada, muitas vezes, superior a instrumental, e Gardner (1985) chega a referir-se a ela como o pilar mais importante no momento de aprender uma segunda língua devido a diversos estudos feitos anteriormente.

Gardner (ibid) após vários estudos empíricos revisou seus próprios postulados permitindo o surgimento do modelo “sócio-educacional” que enfatiza de que os idiomas educacionais englobam a aprendizagem em aspectos do comportamento típico de outra comunidade lingüística. Assim, as atitudes, por parte do aluno, em relação a essa comunidade lingüística determinará, pelo mesmo em parte, o sucesso da aprendizagem da L2.

Nesse modelo, Gardner (1985) distingue as crenças culturais surgidas a partir do contexto social; a motivação fruto das diferenças individuais no momento de aprender uma língua; contextos formais e não formais na aprendizagem e resultados lingüísticos. Assim, Gardner (1985) mantém as relações dos quatro componentes de causa-efeito, tanto em nível teórico quanto empírico.

Krashen (1982) reduz o papel da motivação a uma parte da sua teoria do Monitor e considera a motivação como parte do filtro responsável pelos processos inconscientes. Todavia, o processo de aprendizagem de uma L2 é muito mais amplo e complexo, pois, algumas vezes, ocorre tanto dentro quanto fora da sala de aula, e, ao mesmo tempo, trata-se de um processo no qual o discente tem parte ativa todo tempo.

A palavra motivação, derivação do latim **motus**, designa na linguagem corrente, a reais dinâmica do comportamento, isto é, aqueles fatores determinantes internos, mais do que os externos ao sujeito, que, de dentro para fora, o incitam á ação (PINILLOS, 1975:503).

Gardner e Lambert (1972) dizem que se os alunos estão motivados, ele não está referindo as razões que eles tem para aprender ou para estudar, mas sim ao fato de eu os alunos estão trabalhando e estudando na sala de aula ou, pelo menos, agem da forma desejada pelo professor.

Motivar é despertar o interesse e atenção dos alunos pelos valores que estão contidos na matéria: que nosso alunos queiram aprender equivale a dizer irromper no seu psiquismo, despertar e direcionar a sua energia... (MATTOS, 1972:236).

Muitos docentes tentam motivar os alunos das mais diferentes formas, sendo que uma dessas maneiras é procurar modificar a atitude com relação à disciplina. Assim, pode-se definir o aluno motivado como aquele que participa ativamente na tarefa proposta pelo professor e que mantém esse grau de participação sem necessidade de estímulo e incentivo contínuos por parte do docente (CROOKES e SCHMIDT, 1991:480).

Em estudos recentes começaram a ser considerado os aspectos como atitude ativa do discente, por exemplo, como um fator determinante na aprendizagem de uma L2. Devido a isso, Crookes e Schmidt (1991) afirmam que um bom estudante de idiomas está bastante imerso na aprendizagem da L2, tanto no plano metacognitivo – estratégias e funções de execução da atenção – quanto no âmbito de estratégias cognitivas.

Keller (1983), na sua teoria da motivação voltada ao ensino, distingue quatro fatores básicos: (1) interesse: do ponto de vista cognitivo, refere-se a uma resposta positiva ante um estímulo, baseado em alguma estrutura cognitiva preexistente que desperta e mantém a curiosidade do aluno; (2) relevância: requisito prévio para uma motivação contínua, ou seja, o aluno percebe que aquilo que lhe é apresentado no contexto docente pode ser importante para suas próprias necessidades pessoais; (3) expectativa: os alunos que se julgam capazes de realizar as diversas atividades de forma correta estarão mais motivados do que aqueles que consideram que fracassarão na sua realização. Dessa forma, estarão mais motivados os alunos que, de algum modo, atribuem ao seu próprio esforço o sucesso ou o fracasso da sua aprendizagem, frente àqueles que o atribuem à sorte, ao estado de animo do professor ou à dificuldade da tarefa; (4) recompensa, castigo ou resultado: as atividades cuja carga motivacional ocorre ao final denominam-se extrinsecamente motivadoras frente às que são intrinsecamente motivadoras.

2.1 O PAPEL DO ALUNO

Segundo o Quadro Comum Europeu (2001) o papel do aluno no ensino/aprendizagem de línguas está dividido nas seguintes categorias: auto-estima, implicação na motivação, o seu estado e a atitude.

Para o Marco Comum Europeu (2001) a auto-estima é uma imagem positiva que o aluno tem de si mesmo e quando há a falta de inibição isso contribuir para o êxito na realização das tarefas. O aluno deve buscar se comprometer com o ensino da língua estrangeira, e neste caso o aluno também deve buscar uma segurança necessária em si mesmo para que consiga êxito nas tarefas e no aprendizado de qualquer língua estrangeira, ou seja, ele deve assumir um controle da interação quando for necessário (deve comprovar se há entendimento e que está disposto a assumir riscos quando se deparam com alguma dificuldade).

No que diz respeito à implicação da motivação, é mais provável que uma tarefa se realize com êxito quando o aluno se encontra totalmente comprometido, ou seja, seu nível de motivação intrínseca deve fazer com que ele consiga realizar a atividade exigida pelo professor – e até mesmo despertar certo interesse concreto

sobre a importância da tarefa, isto é, as necessidades reais para vida ou para qualquer outra tarefa relacionada (a interdependência de outras atividades). A motivação extrínseca também pode desempenhar um papel importante quando, há pressões externas para completar algum exercício, ou seja, para receber elogios ou por razões de competitividade e outros.

Já a de estado, está relacionado com o estado físico e emocional do aluno. E um exemplo disso é um aluno atento e relaxado aprende mais do que um aluno que está cansado e intranquilo.

No que diz respeito a atitude há fatores que podem incidir na dificuldade inerente de uma atividade que o aluno está realizando e que pode também introduzir novos conhecimentos e experiências socioculturais, ou seja, o interesse do aluno por aquilo que seja diferente e estar disposto a buscar uma perspectiva para a cultura e seus próprios sistemas de valores e também assumir o papel de “intermediário cultural” entre sua própria cultura e a cultura estrangeira.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. Os informantes são alunos do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe.

Os informantes desta pesquisa estão cursando o 4º ano de Secretariado Executivo Bilíngüe, com um nível mais avançado na língua inglesa. Os professores entrevistados são docentes do próprio curso.

O curso de Secretariado Executivo Bilíngüe é dividido em 4 anos, tendo os 4 anos aulas de língua inglesa. O curso inicia-se com um nível básico da língua inglesa passando pelos níveis 2, 3 e 4. Completando os 4 níveis é esperado que os alunos alcancem um nível intermediário a pré-intermediário. Para a maioria dos alunos os objetivos são os mesmos, ou seja, a compreensão auditiva, escrita, fala e ler, pois o próprio mercado de trabalho exige isto dos alunos.

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA

Os instrumentos de coletas foram:

- a) Questionário 1 - Perfil do aluno: o objetivo da aplicação deste questionário 1 foi o de conhecer o perfil do informante desta pesquisa, no sentido de reconhecer e relaciona as variáveis apresentadas com o resultado da pesquisa.
- b) Questionário 2 – dificuldades dos alunos: a finalidade do questionário 2 foi o de identificar e reconhecer as dificuldades apresentadas pelos alunos, após atividade oral proposta.
- c) Questionário 3 – Perfil do Professor: o objetivo da aplicação deste questionário 3 foi de conhecer o perfil do professor do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe, que metodologia utiliza em sala de aula, que atividades realizam para motivar os alunos e se utiliza da abordagem comunicativa no ensino/ aprendizagem da língua inglesa.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA

Foram entrevistados 19 alunos estudantes do 4º ano de Secretariado Executivo Bilíngüe, na Unioeste. Primeiramente, foi aplicado o Questionário 1 – Perfil do Aluno, para todos os alunos, para a possível análise das variáveis mencionadas no item 3.2. Logo após, os informantes participaram de duas atividades orais (Anexo) nas quais esperou-se que durante a atividade apresentem tópicos diferentes, porém não diferem quanto á estrutura da língua. Os informantes falaram sobre vários tópicos como: família, empresa, planos para o futuro, passado, entre outros. Durante o desenvolvimento das atividades orais, foi feita uma gravação dos grupos, utilizando-se de um gravador de cassete portátil, que foi transcrita para o reconhecimento de estratégias utilizadas. Em seguida, foi solicitado que respondessem ao Questionário 2 relacionado a estratégias de aprendizagem/comunicação. O questionário 3 foi aplicado aos 2 professores do curso de Secretariado Executivo Bilíngüe da Universidade Estadual do Oeste do

Paraná visando analisar e observar a metodologia utilizada por eles que como faziam para motivar seus alunos em aprender uma língua estrangeira.

3.3 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta parte do trabalho buscou-se apresentar e discutir os dados que foram categorizados. E o capítulo está dividido em tópicos de acordo com as questões apresentadas: O perfil dos alunos informantes e as dificuldades apresentadas durante a realização da atividade oral.

A análise feita é quantitativa e interpretativa a partir dos Questionários 1 e 2 e da transcrição da gravação feita durante a realização das atividades orais.

3.4 RESULTADOS OBTIDOS

A partir dos questionários e das atividades realizadas se pode perceber que os alunos de Secretariado Executivo Bilíngüe da Unioeste, possuem algumas dificuldades na aprendizagem da língua inglesa. Os mesmos comentaram que possuem um vocabulário bom, além de não conseguirem se comunicarem na língua-alvo, ou seja, a língua inglesa.

Com relação aos professores do curso, buscam sempre se atualizarem para trazerem atividades relevantes para os alunos e ambos são formados em letras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o uso da abordagem comunicativa faz-se importante no sentido de conhecer sua eficácia na aquisição de L2 e no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Percebe-se ao longo do trabalho as vantagens da utilização da abordagem comunicativa, pois ela visa o aprendizado centrado no aluno, não em termos de conteúdo, mas em técnicas usadas em sala de aula, as competências comunicativas voltadas para as competências gramaticais, sociolingüísticas,

discursivas e estratégicas. Além disso, também se notou que os métodos comunicativos têm como foco o sentido no significado e na interação propositada na língua estrangeira e que se organiza em experiências de aprender em atividades relevantes de real interesse ou necessidade para o aluno. Além disso, Williams e Burden (1999) também deixaram claro que a motivação para se aprender uma língua estrangeira ocorre como resultado de uma combinação de influências distintas e que algumas são internas e que provem do interior do aluno, ou seja, o interesse pela atividade e outras externas, isto é, a influência de outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP – Pontes 1993.

_____ **O professor em formação**. Campinas, SP – Pontes 1992.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching** 4. ed. New York: Longman, 2000.

CAVALHEIRO, E. **Aquisição da Língua Estrangeira: um estudo empírico sobre estratégias de comunicação**. Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

COOK, V. **Second Language Learning and Language Teaching**. Arnold, 1997.
Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Strasbourg: Council of Europe, 2001.

KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in second language acquisition**. Oxford, Pergamon Press, 1982.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Campinas – Pontes, 1990.

GIRARD, Denis. **Lingüística Aplicada e Didáticas das línguas**. São Paulo: Editora Estampa, 1997.

ELLIS, R. (1997). **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press.

_____ (1997) **Second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press.

_____ (1999) **Understanding second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press.

FRIES, C. C. **Teaching and learning English as a foreign language**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1945.

CROOKES, G., SCHMIDT, R. W. (1991) **Motivation: reopening the research agenda**. Language Learning.

KELLER, J. M. (1983) **Motivational Design of Instruction**. Hilldale: Erlbaum.

GARDNER R. C. LAMBERT, W. E. (1972) **Attitudes and Motivation in second language learning**. Rowley, Massachusetts: Newbury.

GARDNER R. **Social Psychology and Second Language Learning: The role of attitudes and Motivation**. Edward Arnold, 1985.

WILLIAMS, M., BURDEN, R. L. **Psicologia para profesores de idiomas: enfoque del constructivismo**. Cambridge, 1999.

RICHARDS, J. C. & RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching**. Cambridge Press, 1986.

RUBIN, J. **The study of cognitive process in second language learning**. Applied Linguistics, 1981.

CANALE, M. **From communicative competence to communicative language pedagogy**. In: Richards, J & R. Schmidt (eds) Language and communication. London, Logman, 1983.

CANALE, M., SWAIN, M. **Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing**. Applied Linguistics. Vol. 1, 1: 1-47.

HYMES, D. **On communicative competence**. In: PRIDE, J. & J. Holmes. Sociolinguistic. Harmondsworth, Penguin, 1972.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.